

O uso da Literatura Paulina nas *Confissões* de Agostinho

The use of Pauline Literature in Augustine's *Confessions*

Mariosan de Sousa Marques¹

RESUMO

Vastamente conhecido é o caminho feito por Agostinho na filosofia e depois de sua conversão, na teologia, como pensador e escritor, deixando sua marca no pensamento ocidental. Em suas *Confissões* ele relata, a modo de autobiografia confessante, a sua experiência pessoal e seu caminho árduo até ao encontro com o Ser e a verdade. Certamente que o encontro com o ser foi por intuição e a descoberta do Ser na história como Salvação se deu pelo encontro com a Escritura cristã. As citações que Agostinho faz da literatura paulina nas *Confissões* dão conta do quanto o apóstolo dos gentios marcou a vida do hiponense, não só como possibilidade de interpretação do eu dissipado na exterioridade na busca da verdade, como também lhe descortinando grandes verdades da tradição crista. Nesse trabalho busca-se fazer um elenco das citações paulinas na obra *Confissões* para perceber o impacto de Paulo na vida e pensamento de Agostinho.

PALAVRAS-CHAVE

Confissões de Agostinho; Literatura Paulina; Ser; Verdade.

ABSTRACT

Widely known is the path taken by Augustine in philosophy and, after his conversion, in theology, as a thinker and writer, leaving his

¹ Doutor em Ciências da Religião (PUC-GO). Professor de Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

mark on Western thought. In his *Confessions* he recounts, in the manner of a confessing autobiography, his personal experience and his arduous path towards the encounter with Being and truth. Certainly, the encounter with being was by intuition and the discovery of Being in history as Salvation took place through the encounter with Christian Scripture. The citations that Augustine makes of Pauline literature in the *Confessions* show how much the apostle to the Gentiles marked the life of the Hipponeuse, not only as a possibility of interpreting the self-dissipated in exteriority in the search for truth, but also revealing to him great truths of the Christian tradition. This work seeks to make a list of Pauline quotations in the work *Confessions* to understand the impact of Paul on the life and thought of Augustine.

KEYWORDS

Augustine's Confessions; Pauline Literature; Being; Truth.

Introdução

Não se pretende fazer um estudo completo sobre a atualidade das *Confissões* de Agostinho², tampouco sobre seu pensamento³ ou sobre a figura e sobre o pensamento de São Paulo⁴ tais quais aparecem nessa sua obra⁵, considerada simplesmente como uma parte da atividade literária do ilustre bispo de Hipona. Uma tal pesquisa completa seria dificilmente possível e escassamente útil se não fosse enquadrada num estudo de todas as obras agostinianas. Propõe-se, ao invés, investigar como a presença de Paulo nas *Confissões* ajude a caracterizar a obra-prima

² STREFLING, Sérgio R. "A Atualidade das *Confissões* de Santo Agostinho". *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 37, n. 156, jun. 2007. p. 259-272.

³ PLINVAL, Georg de. *Pour Connaitre la Pensée de Saint Augustin*. Fribourg: Bordas, 1954.

⁴ Como era na época de Agostinho, antes da crítica Bíblica, incluímos aqui na literatura paulina as 14 cartas do Novo Testamento, sem fazer a distinção exegética entre carta proto e deutero paulinas.

⁵ Por exemplo, a influência de Paulo no *De Magistro* (12,39). Cf. FLASCH, Kurt. *Agostino d'Ippona*. Introduzione all'opera filosofica. Bologna: Società Editrice il Mulino, 1983, p. 104

agostiniana nos seus vários aspectos: escopo, conteúdo, espírito. O escopo ora enunciado justificará a insistência sobre certos textos paulinos e a omissão de outros, que em outros escritos de Agostinho revestem de notável importância.

Entre os critérios a serem a levados em conta nesta pesquisa é necessário assinalar particularmente: a) a postura fundamental de Agostinho frente à Sagrada Escritura: unidade de toda a Bíblia, unidade compreendida não em sentido filológico, mas religioso. Portanto, o seu interesse por Paulo não é nem biográfico nem literário; os seus textos são citados frequentemente com outros, sem distinção de significado ou de importância, enquanto são todos igualmente Palavra de Deus; b) a posição de Agostinho frente à São Paulo quando escrevia as Confissões (em 397-8 d.C.): estava bem longe, então, do empenho e compromisso com o qual meditará os escritos do apóstolo mais tarde, quando, sobretudo sob o estímulo da polémica antipelagiana, penetrará a fundo o significado de certos capítulos.

Quanto à ordem do trabalho, parece útil tomar em consideração: a) alguns textos que têm particular significado autobiográfico, no sentido que ajudam Agostinho a se descobrir, enquanto relata a respeito de si mesmo, na vida e doutrina de Paulo. Em alguns casos, tal significado é revisto pelo próprio Agostinho que vive a história narrada; outras vezes só mais tarde, quando Agostinho já terá se tornado bispo e escritor. Ao menos num lugar é notado explicitamente: “e naquele tempo, Tu o sabes, ó luz da minha mente, eu ainda ignorava estas palavras do apóstolo” (III,8)⁶; b) mais brevemente, alguns textos particularmente significativos do ponto de vista teológico, sempre em relação à preocupação que naquele momento domina o escritor.

É claro que a distinção aqui enunciada não quer ser entendida em sentido rigoroso; exatamente porque a reflexão teológica (ou filológica) é sugerida pela recordação dos eventos pessoais e os dois elementos frequentemente se misturam e se fundem. Parece, todavia, legítimo fixar a atenção sobre o elemento prevalente, de tempo em tempo.

⁶ As citações serão sempre do texto bilingue, com tradução livre nossa da obra: AGOSTINO. *Le Confessioni*. Collana: Opere di Sant'Agostinho. A cura di Carlo Carena e Michelle Pellegrino. Opera omnia vol.I. Nuova Biblioteca Agostiniana. Roma: Città Nuova Editrice, 1965.

Procurar-se ressaltar a importância das passagens singulares citadas ou aludidas, distinguindo entre aqueles que poderiam considerar-se momentos-chave na economia das *Confissões* e aqueles que recorrem só de passagem. O resultado da pesquisa não será tanto em ordem à história da exegese paulina em São Paulo e na patrística (embora devendo levar em conta este campo), quanto em ordem à inteligência da obra agostiniana na sua formação e em seus componentes teológicos, psicológicos e religiosos. Poderá ser também uma contribuição ao estudo do impacto da literatura paulina no encontro com um dos espíritos que sentiu com força o impacto da grandeza do apóstolo no seu pensamento e no seu drama.

1. Significado Autobiográfico

Seguimos a ordem das *Confissões*, sem evitar algum salto quando o mesmo texto paulino ocorre em lugares diferentes ou quando, por analogia das situações, uma dada passagem possa lançar luzes sobre outro longínquo.

III,8: Agostinho se aplica às várias escolas filosóficas mencionadas no *Hortensius*⁷, a admoestação de Cl 2,8s: “Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo”.

Todavia, por mais que o momento do qual se fala aqui seja de importância decisiva para os novos horizontes que o diálogo ciceroniano desvelou ao estudante de dezenove anos, colocando-o pela primeira vez com urgência dramática diante do problema do verdadeiro significado da vida, a passagem paulina, evocado em uma reflexão posterior, não toca no significado de tal momento.

⁷ “O tema central do *Hortensius* era a relação entre retórica e filosofia: em contraste com o ideal ético ciceroniano, o reitor Quinto Ortensio Ortalo, a quem é intitulada a obra, provavelmente defendia uma retórica pura, entendida como técnica, arte do dizer segundo a tradição sofista”. BETTETINI, Maria. *Introduzione a Agostino*. Collana: I Filosofi 94. Roma: Laterza, 2008, p. 10.

A passagem retornará, numa breve alusão, depois do encontro com os neoplatônicos, para contrapor às outras escolas o significado profundamente religioso desta filosofia (VIII,3)⁸.

VI,4: Com uma fugaz reminiscência paulina (2Tm 2,15) é apresentada a figura do pregador Ambrósio: “todo domingo eu o escutava, *enquanto explicava retamente a palavra da verdade*⁹ em meio ao povo...”.

VII,14-26: Um significado essencial tem, ao invés, a evocação a três textos paulinos para definir uma posição de pensamento que, na evolução espiritual de Agostinho, assinala uma das etapas mais decisivas. Depois de informar que dos “platônicos” havia apreendido a doutrina do Verbo-Deus, nascido de Deus, luz dos homens, ilustrada por aqueles filósofos com muitas razões, observa que aí não havia encontrado a doutrina do Verbo feito homem, humilhado até à morte de cruz e exaltado por Deus; nem a doutrina de Cristo morto pelos ímpios, sacrificado por nós (Fl 2,6-11; Rm 5,6; 8,32)¹⁰.

O significado de tal lacuna será definido melhor depois do relato da admirável ascensão que conduziu Agostinho num ímpeto da visão trépida, ao próprio Ser (VII,23)¹¹. A alegre contemplação de um instante jamais poderia se tornar fruição de Deus sem o encontro com o Mediador de Deus e dos homens, Cristo Jesus (1Tm 2,5), que está acima de tudo, Deus bendito nos séculos (Rm 9,5).

Sobre Cristo mediador pode-se ver também os desenvolvimentos com os quais conclui o livro X,67-70. Na descrição da ascensão, os conceitos neoplatônicos se entrelaçam com a evocação à doutrina paulina que as invisíveis perfeições de Deus se tornam inteligíveis através das

⁸ “Quando, ao descrever-lhe [a Ambrósio] a tortuosidade dos meus erros, acenei à leitura feita por mim de algumas obras dos filósofos platônicos, traduzidos em latim por Vittorino, reitor em Roma e já morto, a quanto havia escutado, como cristão, alegrou-se comigo por não ter me encontrado nos escritos de outros filósofos, onde pululavam mentiras e enganosa, *segundo os princípios deste mundo*”. (VIII,3).

⁹ “*verbum veritatis recte tractantem*” (VI,4).

¹⁰ “... que, porém, o Verbo se fez carne e habitou entre nós, não encontrei escrito naqueles livros... mas o fato que se esvaziou de si, assumindo a condição de servo ([...] Fl 2,6-11) não está contido naqueles livros. [...] mas o fato que ele morreu no tempo para os pecadores (Rm 5,6) ao invés de poupar o próprio filho o teu único filho, o entregaste por nós todos (Rm 8,32)”. (VII,14-26)

¹¹ “...et pervenit ad id, quod est in ictu trepidantes aspectos”. (VII,23)

criaturas conforme Rm 1,20 (VII,24-26). Esta última passagem será retomada, com uma precisa evocação ao significado que o escritor revisará para a explicação de uma etapa decisiva do seu caminho, no início do livro seguinte (VIII,2).

VII,27: Enquanto até aqui o ensinamento de Paulo é evocado pelo escritor para iluminar com a reflexão do hoje as etapas do seu caminho, ao final do livro VII temos a informação precisa e preciosa daquilo que o peregrino, já próximo à meta, apreendeu da leitura do apóstolo: “debrucei-me, portanto, com máxima avidez, sobre a venerável Escritura do Teu Espírito e, antes de mais nada sobre o apóstolo Paulo” (VII, 27)¹². Este, completando a obra providencial pela pregação de Ambrósio, dissipou as últimas dúvidas sobre a oposição entre o Antigo e o Novo Testamento, uma das pedras angulares da polêmica maniqueia contra o cristianismo¹³, mostrando-lhe “a única face” da casta Palavra divina¹⁴. Ensinou-lhe que o conhecimento da Escritura é graça de Deus; que a luta interior entre carne e espírito, a tirania do demônio da qual Agostinho fazia a dolorosa experiência, é consequência do pecado original; que somente a graça de Deus por meio de Jesus Cristo, que anulou o documento do nosso débito, libertará o homem deste corpo de morte. Os editores notam aqui a explícita citação ou alusão a cinco passagens paulinas: 1Cor 4,7; Rm 7,22-25; Cl 2,14; 2Cor 5,5; 1Cor 15,9.

Tais citações não autorizam a identificar nas duas cartas aos coríntios e naquelas aos Romanos e aos Colossenses os textos de Paulo lidos então por Agostinho. Importa ao escritor dizer-nos o seu recurso a Paulo (não somente a ele, mas ao Novo Testamento em geral, como está claro da expressão *prae ceteris* e a ajuda que dele recebeu para colimar as lacunas essenciais restantes depois da exaltante experiência da admirável ascensão contemplativa). Agostinho apreendeu de Paulo o realismo cristão, fundado sobre a experiência da concupiscência e do pecado, oposto ao

¹² “Itaque avidissime arripui venerabilem stilum spiritus tui et prae ceteris apostolorum Paulum”. (VII, 27)

¹³ GNOLI, Gherardo. *Il manicheismo. Il mito e la dottrina. I testi manichei copti e la polemica antimanichea*. v. 2, Roma: Mondadori, 2006. SCIACCA, Michele F. *Sant’Agostino*. Palermo: L’epos Società Editrice, 1991, p. 99.

¹⁴ VANNIER, Marie-Anne. “*Creatio*”, “*Convertio*”, “*Formatio*” chez S. Augustin. *Paradosis: Etudes de littérature et de théologie anciennes* 31. Fribourg (Suisse): Editions Universitaires Fribourg Suisse, 1991, p. 56-62.

otimismo neoplatônico, não para desencorajar quem provou por um momento o gaudium inebriante de contemplar o Absoluto, mas para fundar a esperança de purificação e de elevação sobre a graça de Cristo Redentor.

A conclusão do livro VII insiste sobre a parte essencial que teve em tal processo de clarificação e de aprofundamento do sentido cristão da existência a leitura de São Paulo: “estes pensamentos me penetravam até às vísceras de modo admirável, enquanto eu lia o último entre os Teus apóstolos. A consideração das Tuas obras me maravilhou”¹⁵.

VIII,11-30: Os textos paulinos ora citados valem para ilustrar a última fase da crise de Agostinho no seu aspecto intelectual, que domina no relato e na meditação do livro VII. Paulo é usado novamente e ilumina as páginas do livro VIII, onde é analisado, com singular vigor de introspecção que é próprio de Agostinho, o aspecto moral, na fase conclusiva da luta entre as “duas vontades”.

No elogio que Paulo faz da virgindade, mesmo afirmando a legitimidade do matrimônio (1Cor 7,27s), Agostinho sentiu o apelo à continência, quase como uma confirmação daquela vocação pessoal à vida ascética na qual havia visto concretizar-se para ele a vida cristã quando havia decidido de entrar na Igreja católica (cf. VI,9.20-22); VIII,2; cf. também a breve alusão a essa passagem no livro X,41).

Nos desejos contrastantes da carne e do espírito que ele experimenta em si, na força de um violento hábito constante tornado lei de pecado, Agostinho experimenta a verdade daquilo que ele leu em Paulo: “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis” Gl 5,17). Nas palavras de Agostinho: “A experiência me fazia compreender as palavras que tinha lido: como os desejos da carne sejam opostos ao espírito, e aqueles do espírito contrários aos da carne” (VIII,11)¹⁶.

Tem razão Courcelle¹⁷ em sublinhar o testemunho que, antes da cena do jardim de Milão, Agostinho havia lido a carta aos Gálatas (Gl 5,17,

¹⁵ “Haec mihi inviscerabantur miris modis, cum minimum Apostolorum tuorum legerem, et consideraveram opera tua et expaveram.” (VII,27).

¹⁶ “Sic intellegebam me ipso experimento id quod legeram, quomodo caro concupisceret adversus spiritum et spiritus adversus carnem...” (VIII,11).

¹⁷ COURCELLE, Pierre. *Recherches sur les Confessions de saint Augustin*. Paris: E. de Boccard, 1950, p. 199, n. 1.

texto que será retomado brevemente mais adiante em X,33 na consideração daquilo que acontece a quem não se empenha com toda a vontade na busca pela verdadeira beatitude).

Paulo o convidava e o encorajava: “Levanta-te tu que dormes, ressurges dos mortos e Cristo te iluminará” (Ef 5,14); e ele, já convicto da verdade, não sabia responder senão procrastinando a resolução que devia libertá-lo. O homem interior sentia a atração da lei divina: “em vão me comprazia na tua lei segundo o homem interior, quando nos meus membros uma outra lei lutava contra a lei do meu espírito e me trazia prisioneiro sob A lei do pecado ínsita nos meus membros” (VIII,12). Mais adiante, antecipando uma consideração que terá importante papel na polêmica antipelagiana¹⁸, com a evocação a Rm 7,17, observará que a sua incapacidade para se resolver, para querer plenamente, vinha do pecado enraizado nele, pena do pecado que levava consigo como filho de Adão (VIII,22).

A análise deste estado de ânimo se conclui, como em Paulo, com um grito de angústia que é, ao mesmo tempo, desejo de esperança no único libertador: “Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!” (Rm 7,22-25).

A uma palavra de Paulo, Agostinho atribui aquela luz reconfortante que, penetrando no seu coração, expulsa todas as trevas da dúvida, quando, depois da tempestade interior que o sacudiu no jardim de Milão, revê naquele “tolle, lege” o convite a pesquisar no códice do apóstolo, deixando daí a poucos passos, a vontade de Deus sobre ele. Encontra-a indicada na carta aos Romanos (13,13s) que lhe caiu sob os olhos ao abrir o livro: “nada de orgias, nada de bebedeira; nada de desonestidades nem dissoluções; nada de contendas, nada de ciúmes. Ao contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo”.

Basta-lhe quanto leu. Mas não basta ao amigo íntimo Alípio, ao qual Agostinho indicou o texto decisivo. Alípio continua na leitura e encontra a própria vida indicada no que segue: “E acolhei quem é fraco na fé” (VIII,29-30).

Difícilmente se poderia exagerar, diante deste relato no qual culmina a aventura espiritual de Agostinho, o lugar que cabe nela a intervenção

¹⁸ CATAPANO, Giovanni. *Agostino*. Roma: Carocci Editore, 2010, p. 217

de Paulo. Poder-se-ia dizer que este evento é ainda marcado (mas não se pode afirmar com segurança que esta tenha sido a intenção do escritor) pela citação de um outro texto paulino que comenta a exultação da mãe de Agostinho ao tomar conhecimento do fato: “Àquele que, pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos” (Ef 3,20, citando também no livro X,42 como conforto nas tentações presentes).

IX,22: É com a perícopo de Paulo (1Tm 5,9.4.10) que Agostinho, na comovida evocação da mãe, vinda à mente na recordação da sua morte, resume as virtudes domésticas (XI,11,5) e responde à habitual e conhecida nota à biografia da vida cristã antiga, ao mostrar que é possível realizar o ideal da santidade.

IX,23-25: Não sem significado, mesmo na brevidade, é a lembrança de algumas passagens de Paulo no relato do “êxtase” de Óstia, pois elas (juntamente com outros textos bíblicos presentes com citações ou alusões) iluminam o caráter desta experiência singular, quando se tem em conta ao mesmo tempo o influxo dos elementos neoplatônicos, numa fusão que constitui um dos aspectos mais problemáticos e mais atraentes destas páginas¹⁹.

O texto inicial: “prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente” (Fl 3,13), anuncia um tema central da espiritualidade agostiniana, que nesta palavra de Paulo entrevê um elemento essencial da religiosidade neoplatônica (pode-se ver o livro XI,39-40 a retomada desta passagem, que serve a Agostinho para sintetizar a sua vida espiritual).

O texto que segue: “Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Cor 2,9 tirado de Is 64,4), serve egregiamente ao escritor para denotar o caráter transcendente da vida eterna e, conseqüentemente, da experiência aqui narrada, a qual é um antepasto do eterno. Carregada de significado, seja qual for a sua interpretação, é a expressão “primícias do Espírito” (Rm 8,23)²⁰, como

¹⁹ A presença e a relação entre os dois elementos foram postos em luz por alguns estudiosos. Cf. MANDOUZE, André “L’extase d’Ostie. Possibilités et limites de la méthode des parallèles textuels”. *Augustinus Magister*. Vol. 1: Communications. Congrès International Augustinien, Paris: Études Augustiniennes, 1954, p. 67-84.

²⁰ “Para dizer a verdade, IX, 10, 24, 20 não são as únicas passagens de Confissões onde se cita a expressão paulina *primitiae spiritus*; também é encontrado em dois outros

a rápida alusão a 1Cor 13,12 “*per aenigma similitudinis*”; enfim, o texto relativo à ressurreição: “nem todos morreremos, mas todos seremos transformados” (1Cor 15,51) coloca o sigilo às reflexões sobre o fato, conectando a conclusão com o ponto de partida, porque os dois grandes espíritos haviam iniciado a sua ascensão exatamente se perguntando o que seria a vida eterna dos santos depois da morte.

É necessário evocar também uma passagem agostiniana do livro XIII (13-15), a qual somente um leitor superficial poderia negar o significado autobiográfico enquanto faz parte de um contexto exegético. Mesmo se fala como pastor e doutor, explicando a Palavra de Deus, Agostinho traz nesta página acentos reveladores de uma experiência pessoal de contemplação que mostra claras analogias com o episódio de Óstia. Encontramos aqui dois textos-chaves do livro IX: “ele mesmo também pensa que ainda não compreendeu, e esquece as coisas que estão atrás dele e se estende às coisas que estão adiante... está estendido... ele já tinha nas mãos as primícias do espírito”. Uma outra ligação entre as duas páginas agostinianas está no motivo do “suspirar”, expressão de desejo da vida eterna, que é o tema central nos dois lugares.

X,1-7: Agostinho tem em mente Paulo quando, cedendo às insistências dos irmãos que, tenho conhecido o seu passado através dos nove primeiros livros, querem saber quem é ele agora, se põe a confessar o seu estado presente²¹. Com palavras paulinas ele exprime a dificuldade do homem em conhecer os outros e também a si mesmo (1Cor 2,11, retomado e desenvolvido no livro XIII,46; 1Cor 4,3; 13,12), enquanto aos olhos de Deus a consciência do homem está nua (Hb 4,13). Mesmo repreendendo aos homens a sua curiosidade, conta com a caridade dos irmãos que tudo crê (1Cor 13,7) e, sobretudo, com a graça divina pela qual todos são fortes. Graça que vem em socorro do homem na hora da

lugares, XII,16, 23, 20, L. 344 e XIII, 13, 14, 24, L. 376”. Tradução livre de: A vrai dire, IX, 10, 24, 20 n’est pas le seul passage des Confessions où soit citée l’expression paulinienne *primitiae spiritus*; elle se rencontre en outre en deux autres endroits, XII, 16, 23, 20, L. 344, et XIII, 13, 14, 24, L. 376.” PÉPIN, Jean. “*Primitiae spiritus*”. Remarques sur une citation paulinienne des ‘Confessions’ de St. Augustin. *Revue d’histoire des religions*. v. 40, n. 2, 1951, p. 164.

²¹ PINCHERLE, Alberto. *La Formazione Teologica di Sant’Agostino*. Roma: Edizione Italiane, 1947, p. 175.

provação (1Cor 10,13). E agostinho espera que, como fruto da sua confissão, muitos deem graças ao Senhor por ele (1Cor 1,11).

X,42-46: Um texto autobiográfico de Paulo é retomado por Agostinho para representar a sua “batalha cotidiana” do jejum contra as tentações da gula: “castigo o meu corpo e o mantenho em servidão” (1Cor 9,27), onde outras passagens paulinas constelam o ditado para exprimir a potência da graça divina (Ef 3,20) e a vitória final sobre a morte (1Cor 15,53s) e sobre a sensualidade (1Cor 6,13). Neste contexto, Paulo se lhe apresenta como mestre e como modelo: ensina-lhe a vaidade dos prazeres do paladar, admoesta-lhe que não conta a impureza do alimento, mas sim a impureza do desejo (1Tm 4,4; 1Cor 8,8) e o convida a imitar o seu exemplo, sabendo sofrer as penúrias, porque tudo pode naquele que é a sua força (Fl 4,11-13).

X,70: Paulo intervém num momento que podia ser decisivo para Agostinho e para a história, dando uma orientação completamente diferente à sua vida. Quando, aterrorizado com o pensamento dos seus pecados e oprimido pelo peso da sua miséria, meditava em se subtrair da responsabilidade pastoral, fugindo em solidão, Deus o tomou e o reconfortou recordando-lhe decisão total de Cristo salvador, admoestação aos crentes, e em primeiro lugar aos pastores, a não viver para si mesmos mas para aquele que morreu por eles (2Cor 5,15). A resposta de Agostinho não se fez tardar: é uma oração de abandono confiante, de humilde súplica àquele que é a sua força para que o instrua e o cure. É ainda Paulo que lhe recorda o unigênito Filho de Deus no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência (Cl 2,3); ele toma desses tesouros para distribuí-los aos fiéis.

Procurou-se suprir à falta de indicações cronológicas da breve notícia levando em conta os textos bíblicos citados aqui e em outros escritos e as acusações dos Donatistas que fizeram pesar majoritariamente sobre o bispo o sentido da sua responsabilidade e aguçar aquele desejo do ócio contemplativo que marcará toda a sua existência. Seguindo tais indícios, a passagem citada pode ser referida aos primeiros anos do episcopado²².

²² CAYRÉ, Fulbert. La conversion de saint Augustin. Le “Tolle, lege” des Confessions. *L'année théologique*. n. 39, Paris, 1951, p. 245. PINTARD, Jacques. *Le sacerdoce selon saint Augustin. Le prêtre dans la Cité de Dieu*. Marne: Tour, 1960, p. 332.

Parece, portanto, razoável sublinhar a importância histórica de uma decisão que assegurou à Igreja a obra de um dos seus bispos mais ilustres e que empreendeu e marcou sua atividade de pensador e de escritor com aquele caráter de concretude e de atualidade que está estritamente ligado à responsabilidade do pastor.

E não é fora de lógica notar que, como no momento conclusivo da conversão, assim agora é uma palavra de Paulo que ilumina Agostinho na busca da sua via²³.

2. Significado Teológico

Examinando o lugar que ocupam as citações ou as reminiscências paulinas na parte que se pode chamar de “autobiografia” (com todas as reservas sobre o sentido preciso desta palavra) das *Confissões*, foi preciso notar aqui e ali o significado de tais passagens, mesmo sob o aspecto doutrinal, enquanto os fatos sugerem ao escritor reflexões e desenvolvimentos teológicos.

Para o significado teológico é suficiente agora uma rápida resenha dos textos paulinos que recorrem nas *Confissões* com um significado doutrinal de algum relevo ou pela amplitude que assume ou pelo compromisso que releva na meditação dos problemas sugeridos pelo texto ou do contexto da obra. A brevidade da exposição é aconselhada pelo fato que, enquanto nas passagens evocadas para iluminar a história pessoal interior de Agostinho o influxo de Paulo parece característico, o emprego doutrinal dos textos paulinos nas *Confissões* não podem ser considerados sob luz diferente do que em outras obras. E um exame profundo não seria possível sem uma acurada comparação com o uso que o escritor faz dos mesmos textos em outras obras.

Rm 1,26, sobre o pecado impuro contra a natureza, é evocado para ilustrar a diferença entre “facínora” e “crime hediondo” [*flagitia*] (III,16). No mesmo contexto, junto com 1Cor 1,30, ele faz comentário mostrando as aberrações da doutrina maniqueia (V,5) e na polêmica contra os filósofos que não souberam subtrair-se aos erros do politeísmo idolátrico (VII,14-15).

²³ PINTARD, 1960, p. 331.

Aos maniqueus que, fundando-se sobre uma interpretação literal do texto, rejeitavam o Antigo Testamento como indigno da revelação de Deus, Agostinho opõe, educado por Ambrósio, a palavra de Paulo: “a letra mata, mas o espírito vivifica” (2Cor 3,6 em VI,6 e VI,24).

Um texto de Paulo (1Tm 1,8.5) é evocado três vezes por Agostinho na exegese que faz dos primeiros versículos do Gênesis, como guia a quem quer entender com clareza as Escrituras, evitando as inúteis questões que Paulo mesmo reprova (2Tm 2,15). “Boa é a lei se é usada legitimamente, porque o seu fim é a caridade que vem de um coração puro, de uma consciência boa, de uma fé sincera” (XII,27 onde precede outra passagem já mencionada; XII,35 onde se cita também a advertência de Paulo [1Cor 4,6] a não se encher de soberba, pretendendo possuir o monopólio da palavra divina na inteligência; XII,41). Agostinho apela a Paulo para reivindicar os direitos supremos da caridade mesmo na diferença das interpretações da Escritura, na qual podem estar escondidos diversos sentidos e igualmente válidos.

Um outro texto paulino sugere ao exegeta uma interpretação espiritual do quarto dia da criação: os vários carismas elencados em 1Cor 12,7-11, obra do único e mesmo Espírito, estão figurados no sol, na lua e nas estrelas. Outras passagens (1Cor 3,1s; 2,6.14) são ajuntadas para justificar tal exposição (XIII,23).

Sobre Rm 12,2: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”, dá base à interpretação espiritual que Agostinho faz da criação dos viventes (XIII,14,30-32), ajuntando por citações ou alusões outros textos bíblicos, entre os quais vários de Paulo (1Cor 14,22; 2Cor 5,15; 1Tm 5,6; 1Ts 2,7; Cl 3,10; 1Cor 2,14s; Ef 2,10; Gl 3,28; 1Cor 5,12).

Mais adiante (XIII,38-41) evoca a conduta e o ensinamento de Paulo para ilustrar a criação das ervas e das plantas frutíferas, citando ou aludindo a 2Tm 1,16; 2Cor 11,9; 2Tm 4,16; Fl 3,19; Rm 16,18; Fl 4,10-13; Cl 3,10; 1Cor 14,2; Fl 4,14-17.

Agostinho foi um personagem que enfrentou os desafios da vida filosófica e cristã com todo o empenho em busca da verdade. Tornou-se consciente, por experiência, da potência dos apelos dos instintos, da ambição e do sucesso. A busca da verdade foi para ele uma experiência árdua e cheia de fadigas. Tendo encontrado o Ser por uma intuição,

deixou-se conduzir no conhecimento da verdadeira vida através da leitura da Escritura, em especial dos textos de Paulo.

Considerações finais

Filosofia e vida em Agostinho se fundem numa unidade. Tendo concebido a pesquisa filosófica não como mero exercício teórico ou busca de erudição, ele faz da busca pela verdade o terreno onde está em jogo a própria existência. A inquietude interior, a ânsia pelo sentido autêntico da existência o levou a encontrar, depois de ter passado pela experiência dos prazeres, a verdade no ser. A descoberta interior é iluminada pela Palavra Divina, especialmente pela leitura da escritura paulina.

Assemelhando ao homem/mulher de cada tempo, que deseja encontrar o sentido do viver e que frequentemente se ilude buscando-o fora de si e da fé, Agostinho ensina a não se dispersar na exterioridade, mas a entrar dentro de si, onde o próprio Ser se faz presente e garante a iluminação da alma.

A leitura da literatura paulina deixou grandes marcas impressas na alma de Agostinho, como foi possível perceber as inúmeras reminiscências que ele faz do apóstolo na sua obra *Confissões*. As variadas citações servem ao bispo de Hipona para reler a própria vida, num esforço de autobiografia religiosa do eu, mas também para estimular sua inteligência e lançar luzes sobre elementos doutrinários do cristianismo caros ao hiponense. Tarefa para a pesquisa é ainda investigar qual a influência de Paulo nas demais obras de Agostinho e ver como a literatura paulina lançou luzes sobre temas filosóficos e teológicos.

Referências

- AGOSTINO. *Le Confessioni*. Collana: Opere di Sant'Agostinho. A cura di Carlo Carena e Michelle Pellegrino. Opera omnia vol. I. Nuova Biblioteca Agostiniana. Roma: Città Nuova Editrice, 1965.
- BETTETINI, Maria. *Introduzione a Agostino*. Collana: I Filosofi 94. Roma: Laterza, 2008.

- CATAPANO, Giovanni. *Agostino*. Roma: Carocci Editore, 2010.
- CAYRÉ, Fulbert. “La conversion de saint Augustin. Le ‘Tolle, lege’ des Confessions”. *L’année théologique*. Paris, v. 3, n. 39, p. 239-252, 1951.
- COURCELLE, Pierre. *Recherches sur les Confessions de saint Augustin*. Paris: E. de Boccard, 1950.
- FLASCH, Kurt. *Agostino d’Ippona*. Introduzione all’opera filosofica. Bologna: Società Editrice il Mulino, 1983.
- GNOLI, Gherardo. *Il manicheismo*. Il mito e la dottrina. I testi manichei copti e la polemica antimanichea. v. 2, Roma: Mondadori, 2006.
- MANDOUZE, André. “L’extase d’Ostie: Possibilités et limites de la méthode des parallèles textuels”. *Augustinus Magister*. Vol. 1: Communications. Congrès International Augustinien, Paris: Études Augustiniennes, 1954.
- PÉPIN, Jean. “Primitiae spiritus”. Remarques sur une citation paulinienne des ‘Confessions’ de St. Augustin. *Revue d’histoire des religions*. v. 40, n. 2, p. 155-202, 1951.
- PINCHERLE, Alberto. *La Formazione Teologica di Sant’Agostino*. Roma: Edizione Italiane, 1947.
- PINTARD, Jacques. *Le sacerdoce selon saint Augustin. Le prêtre dans la Cité de Dieu*. Marne: Tour, 1960.
- PLINVAL, Georg de. *Pour Connaitre la Pensée de Saint Augustin*. Fribourg: Bordas, 1954.
- SCIACCA, Michele F. *Sant’Agostino*. Palermo: L’epos Società Editrice, 1991.
- STREFLING, Sérgio R. “A Atualidade das Confissões de Santo Agostinho”. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 259-272, jun. 2007.
- VANNIER, Marie-Anne. “Creatio”, “Convertio”, “Formatio” chez S. Augustin. *Paradosis: Etudes de littérature et de théologie anciennes* 31. Fribourg (Suisse): Editions Universitaires Fribourg Suisse, 1991.

Submetido em: 30/01/2022

Aprovado em: 20/06/2022